

# “A APROXIMAÇÃO A ALMOTÁSIM”: O ENIGMA BORGIANO DA LEITURA E A LEITURA DO ENIGMA BORGIANO

**Maria Zaira Turchi\***  
**Eugênia Fraietta\*\***

*Resumo:* A determinação da leitura na definição do gênero literário ilustra o leitor como elemento previsto na ficção borgiana. Em “A aproximação a Almotásim”, o leitor é um componente da busca do narrador-leitor-comentador que resenha um romance fictício. O narrador, além de contar uma história, é, sobretudo, um inquiridor e um comentador de leituras feitas, um duplo do leitor. A pergunta essencial – a decifração do enigma da leitura – desemboca numa resposta multiplicada que revitaliza a pergunta em vez de respondê-la. A poética da criação literária dá lugar, em Borges, à poética da leitura, que, por sua vez, abala a autoria tradicional.

*Palavras-chave:* conto; narrador; Jorge Luís Borges.

1

■ **É** sabido do folclore borgiano que, quando o conto “A aproximação a Almotásim” surgiu em 1940, na revista *Sur*, foi tomado realmente como uma resenha de um romance de autor indiano. O fato, além de confirmar a determinação da leitura na definição do gênero do texto, conforme sempre afirmou Borges, ilustra a figura do leitor como elemento previsto na ficção borgiana, como elemento inserido na busca do narrador-leitor-comentador que resenha o fictício romance de Mir Bahadur, *A aproximação a Almotásim*.

O leitor nesse conto acompanha o caminho percorrido por um outro leitor, o que teve de alguma forma acesso ao romance de Bahadur e tece uma resenha crítica apresentando desde a citação sumária da fortuna crítica do romance e

\* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

\*\* Mestre em Letras e Linguística pela UFG. E-mail: eugeniafraietta@gmail.com

seu percurso editorial até o resumo do enredo, antevendo o argumento geral, comentando criticamente e estabelecendo novos precursores. O narrador aparece no conto não como um mero contador de histórias, mas sobretudo como um questionador, um inquiridor e um comentador de leituras feitas, ou seja, um duplo do leitor:

*Então Bahadur publicou uma edição ilustrada que intitulou The conversation with the man called Al-Um'tásin e que subtitulou magnificamente: A game with shifting mirrors (um jogo com espelhos que se desalocam). [...] Tenho-a à vista; não consegui obter a primeira, que pressinto muito superior (BORGES, 1989a, p. 22).*

Durante a leitura, o leitor acaba inserido em outra busca, além da busca do narrador-comentador pelo sentido do romance: a busca do personagem do romance comentado pelo homem chamado Almotásim. O leitor, então, projeta-se dupla e simultaneamente no conto: ele é mais um leitor na infinita cadeia de leitores borgianos, que buscam o conhecimento mediante a leitura e o comentário, e é o leitor de um romance, que lhe chega já resumido e bastante mediado, no qual vai acompanhar a peregrinação de um jovem estudante de direito em busca de Almotásim.

De um lado, o leitor é previsto na estrutura do conto e existe como uma de suas personagens; de outro, cabe ao leitor a existência do conto, uma vez que sua forma depende de sua leitura. O texto de Borges assume verdadeiramente a qualidade de um Proteu, podendo tomar diversas formas, uma vez que a leitura pode ser um ato criador, não menos que a escritura. Os leitores são seus elementos e seus criadores, são lidos e leem, mas também empreendem na leitura uma busca em vários sentidos que os leva de indagadores a indagados.

A trajetória do protagonista “visível” do romance de Bahadur, *A aproximação a Almotásim*, está resumida, e de certa forma explicada, na segunda parte do conto, quando o narrador, após citar a fortuna crítica e o percurso editorial do romance, descreve o enredo da obra que resenha. A história contada já chega ao leitor bastante alterada; além de passar pelo narrador, que suprime e ressalta passagens segundo seu critério de avaliação do que é ou não pertinente ou decisivo para sua análise, ele ainda decide por essa seleção a partir de uma edição do romance, ilustrada e posterior a uma primeira que ele julga superior: “Autoriza-me a isso um apêndice, que resume a diferença fundamental entre a versão primitiva de 1932 e a de 1934. Antes de examiná-la – e de discuti-la – convém que eu indique rapidamente o curso geral da obra” (BORGES, 1989a, p. 22).

No cenário percorrido pelo estudante, desde o motim entre mulçumanos e hindus até o encontro com Almotásim, vários elementos simbólicos destacam-se na elaboração de um espaço e tempo maravilhosos, próprios do conto como forma simples na qual a irrealidade é tomada como real. O conto, por sua vez, “enfrenta abertamente o universo e o absorve, o universo conserva, pelo contrário, apesar dessa transformação, sua *mobilidade*, sua *generalidade* e – o que lhe dá a característica de ser novo de cada vez – sua *pluralidade*” (JOLLES, 1976, p. 194-195).

Esse universo será suporte para a busca do jovem estudante pelo homem chamado Almotásim, o que, segundo Davi Arrigucci Jr. (1987), constitui uma espécie de travessia de formação por meio dos mistérios do mundo até a manifestação do sentido.

O jovem, antes de principiar sua busca, perdendo-se na Índia, tem suas certezas ideológico-religiosas abaladas, quando se vê capaz de matar, mas não consegue avaliar quem tem razão, mulçumano ou idólatra, e conclui que um ladrão muito odiado deve ser merecedor de algum tipo de admiração. Seu critério moral fica evidentemente relativizado e é essa transformação inicial que lhe permite perceber, em um homem detestável que encontra em seu caminho, “uma ternura, uma exaltação, um silêncio” (BORGES, 1989a, p. 24). Por meio desse homem vil e incapaz de emanações virtuosas, o estudante intui um interlocutor mais complexo e elevado e deduz que ali estariam apenas seus reflexos. Decide, então, dar início à busca do homem de quem procede essa claridade: “Já o argumento geral se entrevê: a busca insaciável de uma alma através dos tênues reflexos que esta deixou em outras” (BORGES, 1989a, p. 24).

## 2

Neste ponto, abre-se uma das buscas do conto que já fora pontuada por alguns detalhes “afitivos”; melhor dizendo, detalhes de instigantes múltiplos significados, como quando o narrador nos apresenta o protagonista: “Seu protagonista visível – nunca se nos diz seu nome – é estudante de direito em Bombaim” (BORGES, 1989a, p. 22). Enquanto sua visibilidade não significa propriamente identidade, uma vez que seu nome nunca é revelado, o fato de o narrador tê-lo qualificado como “visível” nos remete imediatamente à possibilidade da existência de um protagonista invisível, possibilidade que é, sem hesitação, preenchida por Almotásim, personagem nomeado desde o início, porém nunca visto.

O trecho “À medida que os homens interrogados conheceram mais de perto Almotásim, sua porção divina é maior, mas se acredita que são simples espelhos” (BORGES, 1989a, p. 24) prepara o leitor, de certa forma, para o desfecho da história de Bahadur, e “conhecer de perto” pressupõe visibilidade e concretude; no entanto, o que se tem de Almotásim continua sendo imagens refletidas nas pessoas que creem nele.

O narrador arrisca a ideia que lhe parece mais “estimulante” acerca da identidade de Almotásim: “a conjectura de que também o Todo-Poderoso está em busca de Alguém, e esse Alguém de Alguém superior (ou simplesmente imprescindível e igual) e assim até o Fim – ou melhor, o Sem-Fim – do Tempo, ou em forma cíclica” (BORGES, 1989a, p. 25-26). Ainda segundo o narrador, na edição que lhe serve de fonte, o autor lhe atribui o emblema de Deus, o que significaria uma perda do seu caráter alegórico. Com efeito, a descrição do local onde o estudante enfim encontra Almotásim nos traz uma imagem divina:

*Ao cabo dos anos, o estudante chega a uma galeria “em cujo fundo há uma porta e uma esteira barata com muitas contas e um resplendor”. O estudante bate palmas uma e duas vezes e pergunta por Almotásim. Uma voz de homem – a incrível voz de Almotásim – convida-o a passar. O estudante abre a cortina e avança. Nesse ponto o romance acaba* (BORGES, 1989a, p. 25).

Na reunião de todos os rastros ou indícios, Almotásim pode ser qualquer um e todos ao mesmo tempo, livreiro persa, santo, cristo ou o homem que o estudante pensa haver matado. A magnificação de Almotásim o conduz a nada ser, e ser tudo. A divinização de Almotásim o coloca em qualquer lugar, em todos os lugares, em nenhum lugar e até mesmo naquele lugar onde se deu início a busca do estudante. Cada nova versão de Almotásim exclui e acrescenta elementos

a sua identidade e redefine-o sem completá-lo. O reconhecimento completo de uma possível e verdadeira identidade de Almotásim não se dá, não se declara quem, o que ou como realmente seja Almotásim. A busca do estudante parece ter fim quando ele avança na direção da incrível voz; no entanto, o sentido completo dessa busca, a decifração do enigma de Almotásim não nos é revelada. A pergunta acerca de quem seja Almotásim é formulada durante todo o conto e a resposta se dispersa e se multiplica na última cena, já que o que resta e está reservado ao leitor – até como provocação – é conjecturar a respeito desse encontro recolhendo e reinterpretando – infinitamente – pistas deixadas ao longo do relato que podem, inclusive, identificar buscado e buscador como na nota do narrador. Aliás, esta última possibilidade adquire um significado bastante amplo se pensarmos em outros encontros borgianos em que o encontro com o outro é, na verdade, o encontro consigo mesmo<sup>1</sup>. A solução, nessa perspectiva, parece estar na ambiguidade: o eu é o outro, não sendo absolutamente. Mas as respostas são somente conjecturas.

O que cada leitor fará com essa cena é de natureza ilimitada e imprevisível; entretanto, um sentido talvez permaneça, aquele que está exatamente, segundo Borges (1989b, p. 12, tradução nossa), na “iminência de uma revelação, que não se produz”<sup>2</sup> e que “é, quiçá, o fato estético”<sup>3</sup>.

### 3

A outra busca é aquela empreendida pelo narrador, ou melhor, por um leitor anterior aos leitores atuais, que comenta o romance de Bahadur e que também realiza uma tarefa de decifração – a decifração do enigma da leitura.

O narrador debruça-se sobre o livro e sobre o enigma que a sua leitura lhe oferece e essa conduta decifradora torna-se a aventura da ficção borgiana. Na verdade, nada acontece em termos de ação romanesca; a peregrinação do jovem estudante nos é relatada por um narrador que está seguro e imobilizado pela leitura em sua biblioteca. A ação romanesca, digamos, externa, tradicional não existe; em seu lugar temos a aventura do leitor, a aventura intelectual da leitura do romance de Bahadur e sua decifração, a ação intelectual, “parada”. A leitura aparece como o equivalente da ação e “assim acaba por preencher o lugar vazio da busca propriamente dita, deslocando o romanesco para o espaço mental e imaginário da decifração” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 230).

Assim que o narrador finaliza o resumo do romance de Bahadur com o encontro enigmático do estudante com Almotásim, ele encaminha-se para a última parte do conto, em que tenta a análise crítica propriamente dita do romance, o que se dá em torno da construção da imagem de Almotásim. Segundo o narrador, Bahadur falhou, pois Almotásim não passaria de um fantasma, de uma desordem de superlativos insípidos carecendo de caráter real. Na versão do romance de 1934, as falhas teriam aumentado: Almotásim é o emblema de Deus, como já foi dito, e alguns pormenores sobre seus rastros insinuam um Deus unitário que se acomoda às desigualdades humanas. O narrador prefere a interpretação da etimologia do nome Almotásim que significa “o procurador de am-

1 Sobre esse tema, sugere-se a leitura dos contos: “Biografía de Tadeo Isidoro Cruz”, “Tema del traidor y del héroe”, “Historia del guerrero y de la cautiva” e “Las ruinas circulares”, todos de Borges.

2 No original: “*iminencia de una revelación, que no se produce*” (BORGES, 1989b, p. 12).

3 No original: “*és, quizás, el hecho estético*” (BORGES, 1989b, p. 12).

paro” (BORGES, 1989a, p. 26). Em seguida, faz um comentário a respeito dos percursos do romance e chega a estabelecer “com toda humildade” (BORGES, 1989, p. 27) um precursor, Isaac Luria, cuja ideia era de que “o espírito de um antepassado ou mestre pode entrar na alma de um infeliz, para confortá-lo ou instruí-lo” (BORGES, 1989, p. 27). Seu último comentário não deixa de ficar também na “iminência de uma revelação”. Em nota de rodapé, ele apresenta um precursor anteriormente citado – “Colóquio dos pássaros”: “essas e outras ambíguas analogias podem significar a identidade do buscado e do buscador; também podem significar que este influi naquele. Outro capítulo insinua que Almotásim é o “hindu” que o estudante crê ter matado” (BORGES, 1989a, p. 27). Em mais uma possibilidade de esclarecimento, o que se vê é o desdobramento de mistérios na sugestão da identidade do buscado e do buscador e na insinuação perturbadora de que o buscador tenha, sem saber, aniquilado o buscado.

À primeira vista, esse comentário crítico parece, conforme observou Genette (1972, p. 121) acerca da produção crítica de Borges, “possuído por um estranho demônio de operações associativas”. No entanto, toda a atividade realizada pelo narrador-comentador tece uma infinita rede de relações entre obras e ecos de obras em outras tantas obras no espaço sem fronteiras da leitura. Neste conto, como a exemplo da totalidade da obra de Borges, essa rede infinita de relações é o resultado de “uma inabalável curiosidade intelectual, pressupondo uma idêntica atitude inquisitiva diante dos livros e do universo” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 229), da busca pelo conhecimento por meio da decifração da leitura como um enigma de múltiplas respostas e soluções concomitantes.

Essa conduta narrativa, essa forma de enredar o conteúdo, de forjar a matéria temática, enfim, de realizar o *mythos* tem raízes profundas na estrutura da forma simples do mito sagrado de pergunta e resposta. No mito sagrado:

*Uma resposta chega então ao interrogados; e essa resposta é de tal natureza que não é possível formular outra pergunta; a pergunta anula-se no mesmo instante em que é formulada; a resposta é decisiva. [...] O homem pede ao universo e aos seus fenômenos que se lhe tornem conhecidos; recebe então uma resposta, recebe-a como responso, isto é, em palavras que vêm ao encontro das suas. O universo e seus fenômenos fazem-se conhecer (JOLLES, 1976, p. 87-88).*

Já em Borges, essa estrutura dá origem a uma narrativa que, com efeito, parte de uma pergunta – a busca pelo conhecimento, pela decifração do enigma da leitura, pelo sentido dos livros – mas desemboca numa resposta multiplicada que, ao que tudo indica, revitaliza a pergunta em vez de respondê-la e, consequentemente, esvaziá-la, anulá-la. Borges não só está atento ao fato de que a certeza esfacelaria o mito, como também ao despropósito do absoluto, do definitivo no tempo e contexto de sua narrativa.

Mais uma vez o sentido que não se completa, a revelação que não se cumpre e a resposta potencializada aparecem como o nó da leitura borgiana e, como num moto-perpétuo; o *mythos* que é oriundo desse narrador-inquiridor, é, ao mesmo tempo, aquele que lhe dá origem. A própria natureza do narrador aparece potencializada em seu sisifismo.

#### 4

Fica bem claro que realmente o resultado da leitura como origem da ficção é uma demoníaca rede de associações. Assim como Almotásim tem sua imagem

dispersada e multiplicada durante toda a peregrinação do jovem estudante, mas também isolada e una no momento enigmático do encontro, a literatura surge, a partir da conduta do narrador, como o resultado da leitura. Ressurge alastrada e multiplicada em incontáveis livros de histórias recontadas e recriadas, mas, ao mesmo tempo, abarcável em um único livro, um livro concebido como um centro de incontáveis relações, como uma “reserva de formas” (GENETTE, 1972, p. 129), formas que esperam para ser preenchidas pela leitura que ressuscita o objeto livro, até então morto, e que produz o fato estético. A poética da criação literária perde seu sentido em Borges para ser substituída por uma poética da leitura.

Chega-se imediatamente a uma outra conclusão: a autoria tradicional é abalada nessa perspectiva da leitura como origem da ficção. Quem, de fato, em “A aproximação a Almotásim”, exerce a “sagrada” autoria clássica? Quem existe no conto, de fato, como autor de algo? Esses questionamentos levam à superação da ideia de autor como indivíduo autônomo. O narrador do conto, visto como representação de autor, é a redefinição borgiana de autor como um grande coordenador do engenho alheio, uma memória individual do coletivo. Daí também o questionamento acerca da onisciência absoluta da tradição do século XIX. O narrador borgiano mantém, de fato, uma atitude demiúrgica afastada, mas não exerce aquela onisciência privilegiada, e sim uma onisciência particularizada, relativa. Nesse caso, só ele teve acesso a esse romance do autor indiano Bahadur, *A aproximação a Almotásim*, e a partir disso arma conjecturas sobre essa obra e sobre sua relação com outras. Ele conta o que quer e como quer, pois quem lê pode fazê-lo de várias formas. Assim, o narrador cria uma duplicidade de quem leu e constrói possibilidades acerca disso.

“Coordenador do engenho alheio” ou “memória individual do coletivo” resumem, num olhar mais atento sobre a conduta literária de Borges, uma ambição antiga da literatura que ganha novos e dinâmicos significados em nossa época, a “ambição de representar a multiplicidade das relações, em ato e em potencialidade” (CALVINO, 1993, p. 127); uma ambição que se alinha à velocidade desmesurada com que o nosso mundo cria e destrói crenças, homens e conhecimento:

*A excessiva ambição de propósitos pode ser reprovada em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização* (CALVINO, 1993, p. 127).

É esse grande coordenador do engenho alheio, que lida com a enorme incerteza de um universo – cósmico ou caótico? – expandido incontável e implacavelmente neste século, que vemos representado na literatura borgiana, aceitando o grande desafio de “saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo” (CALVINO, 1993, p. 127). Com ele acreditamos nessa concepção de literatura como reserva inesgotável de formas a serem preenchidas e, por isso, infinito e demoníaco sistema de associações. Talvez o único capaz de abarcar o inabarcável.

## REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., D. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BORGES, J. L. *Ficções*. Tradução Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1989a.
- BORGES, J. L. *Otras inquisiciones*. Madri: Alianza Editorial, 1989b.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GENETTE, G. *Figuras*. Tradução Ivonne Floripes Mantonelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

JOLLES, A. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

TURCHI, M. Z.; FRAIETTA, E. The Borgean enigma of reading and the reading of the Borgean enigma. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 165-171, 2013.

*Abstract: The determination of reading for the definition of the literary genre points out to the reader as an envisaged element on Borgean fiction. In "The Approach to Al-Mu'tasim", by reviewing a fictitious romance, the narrator-reader-commentator goes in a search of which the reader takes part. Besides telling a story, the narrator is, most of all, an inquirer and a commentator of previous readings, a dual of the reader. The essential question – the decoding of the enigma of reading – leads to multiple answers. It revitalizes the question instead of answering that. The poetics of literary creation, in Borges, is, then, replaced by the reading poetics, which in turn, jolts the traditional authorial.*

*Keywords: short-story; narrator; Jorge Luis Borges.*

Recebido em junho de 2012.

Aprovado em setembro de 2012.